
FONOLOGIA SEGMENTAL DA LÍNGUA KANOÊ – UMA ANÁLISE PRELIMINAR

Laércio Nora Bacelar*

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise fonológica preliminar do Kanoê, uma das línguas indígenas brasileiras 'isoladas', falada atualmente por quatro ou cinco pessoas ao sul do Estado de Rondônia. O trabalho de campo foi realizado em meados de junho e início de julho de 1990. Esta análise foi desenvolvida de acordo com os princípios da lingüística descritivo-estrutural, dentro de um modelo pikeano.

1. INTRODUÇÃO

Entre as aproximadamente 170 línguas indígenas brasileiras (Rodrigues, 1986, p. 18), há aquelas que se filiam aos troncos lingüísticos majoritários (Tupí e Macro-Jê)** e, dentro destes, às suas respectivas famílias. Assim, por exemplo, irmanadas por vários de seus aspectos (fonológicos, morfológicos, sintáticos etc.) as línguas Akwáwa, Apiaká, Araweté, Guajá e Guaraní, entre outras, constituem a família Tupí-Guaraní. Da mesma forma, as línguas Makuráp, Tuparí e Wayoró constituem a família Tuparí. Essas duas famílias – ao lado de outras famílias lingüísticas que apresentam alguns traços de semelhança entre

* Professor Assistente do Departamento de Letras da Universidade Federal de Goiás. Mestre em Lingüística pela Universidade de Brasília.

** A grafia dos nomes das línguas indígenas utilizada neste trabalho obedece à convenção promovida pela Associação Brasileira de Antropologia em 1953, cf. RODRIGUES, op. cit., p. 10.

si (Arikém, Jurúna, Mundurukú, Mondé e Ramarána) – compõem o tronco Tupí. A esse tronco também se filiam línguas que, embora não possam ser agrupadas em famílias, são reconhecidamente línguas Tupí: Awetí, Mawé e Puruborá.

Assim como é possível compor e postular o tronco Tupí, também se constrói hipoteticamente o tronco Macro-Jê. As línguas Boróro e Umutína formam a família Boróro; o Javaé, o Karajá e o Xambioá formam a família Karajá. Essas famílias, por sua vez, ao lado de outras (Botocudo, Jê e Maxakalí) constituem o tronco Macro-Jê. Esse tronco também conta com línguas que não se filiam a nenhuma das famílias supra: Guató, Ofayé, Yatê e Rikbaktsá. Em outras palavras, essas quatro línguas são classificadas como línguas Macro-Jê, mas as evidências que permitem tal classificação ainda não são suficientes para se postular a filiação destas línguas às famílias lingüísticas já reconhecidas nesse tronco. De um outro ponto de vista, essas mesmas línguas poderiam ser também consideradas famílias de uma única língua. Por exemplo: o Yatê seria a única língua de uma família do mesmo nome.

Destacam-se, ainda, línguas que formam famílias (Karíb, Aruák, Arawá etc.) que não pertencem nem ao tronco Tupí nem ao tronco Macro-Jê: são famílias à parte, isto é, ‘isoladas’ ou sem evidência de parentesco genético com as famílias que compõem os troncos lingüísticos majoritários. O termo ‘isolada’, entretanto, se aplica às línguas que, por não apresentarem evidências de parentesco genético com quaisquer outras línguas, não podem ser agrupadas nas famílias lingüísticas já determinadas e, conseqüentemente, não pertencem a nenhum dos dois troncos lingüísticos supracitados. Logo, são línguas únicas e, por isso mesmo, têm importância científica indiscutível, como acentua Rodrigues (1986, p. 93):

Em certo sentido, as línguas isoladas representam tipos lingüísticos únicos, em contraste com as línguas de uma família, cujas características básicas se reencontram em outras línguas da mesma família. Embora toda língua tenha propriedades únicas, que se perdem quando essa língua desaparece sem ter sido devidamente documentada, essa perda é muito maior quando se extingue uma língua isolada. Perde-se não apenas um conjunto de nomes e verbos com que se designam, como nas demais línguas, os objetos e as atividades familiares aos membros de determinada sociedade humana, mas se perdem,

sobretudo, modos únicos de codificar a experiência social e o conhecimento humano, os quais sem dúvida integram um como que patrimônio cognitivo da humanidade e têm importância crítica para a compreensão não só da linguagem, mas da própria capacidade cognoscitiva do homem.

Pela conjunção de três motivos: a) tratar-se de uma língua 'isolada', b) tratar-se de uma língua em extinção, e c) tratar-se de uma língua que jamais foi objeto de análise lingüística sistemática, optamos por pesquisar e documentar a língua Kanoê, considerada prioritária (Grau de Prioridade 1) para estudos lingüísticos pelo Programa de Pesquisa Científica das Línguas Indígenas Brasileiras, justamente pela convergência dos três motivos supra.

O objetivo deste trabalho é divulgar o resultado parcial de nossos estudos sobre essa língua. O escopo maior será o sistema fonológico segmental do Kanoê, mas antes faremos um breve histórico sobre o povo Kanoê, dentro do que foi possível resgatar numa primeira sessão de trabalho de campo realizada no final de junho e início de julho de 1990, no município de Guajará-Mirim, Rondônia, na fronteira do Brasil com a Bolívia.

2. O POVO KANOÊ: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

Diante da carência de fontes bibliográficas para resgatar um pouco da história social dos Kanoê, por ocasião do trabalho de campo tentamos fazê-lo através dos depoimentos do Sr. Manoelzinho Kanoê e de D. Maria Atiminaké, dois dos mais idosos remanescentes Kanoê, ainda falantes de sua língua nativa.

De acordo com os informantes, os Kanoê ou Kapixanã eram pacíficos, unidos e habitavam malocas extensas às margens do igarapé Kauruá, na região dos rios Carvão e Machado, ao sul do Estado de Rondônia. Manoelzinho informou que, até sua geração, viviam nus, praticavam a agricultura de milho, algodão, taioba, amendoim e fava, entre outras; caçavam e pescavam. Eram 'bravos', isto é, não-aculturados e foram 'se amansando' no contato com os 'civilizados' por ação de missionários, sobretudo depois da morte do último tuchaua (= cacique), quando o grupo se dispersou de vez.

O contato com os ‘civilizados’ lhes trouxe a morte por doenças como a coqueluche e o sarampo. Manoelzinho Kanoê, por exemplo, perdeu um de seus oitos filhos (Marcelino) vitimado pela coqueluche, dois por sarampo (Mariléia e Maria de Lourdes) e um por ‘bicho na barriga’ (Marcos Paulo). Além da morte por ‘doenças de branco’, para as quais não tinham defesa em sua medicina natural ou nas ‘pajelaças’, o contato com os civilizados lhes trouxe também a morte pelas armas de fogo. Muitos dos homens Kanoê sucumbiram nos conflitos com os ‘brancos’, sobretudo madeireiros, jagunços, garimpeiros, aventureiros e ‘bolivianos’. Somem-se a isto os atritos com outros grupos indígenas regionais pela posse de terras, na medida em que esses povos perdiam seus territórios para os civilizados. Assim, chegou-se a um momento em que o número de mulheres era muito superior ao de homens e, na estrutura social dos Kanoê, já não havia mais como realizar os casamentos. As mulheres se viram então obrigadas a se casar com homens de outras tribos (Masaká, Jabutí, Mekém, Makuráp, Kujubim etc.) e a seguir seus maridos, com perda de sua identidade lingüística e cultural.

A desintegração final do grupo se deu após a morte do último tuchaua, pois já não havia um homem habilitado a ocupar o posto do falecido, de acordo com as tradições Kanoê. A partir daí, passaram a habitar separadamente em áreas diversas: Manoelzinho vive com os filhos na Área Indígena de Deolinda, Francisco Kanoê vive com a família na Área Indígena de Rio Guaporé, D. Teresa Piraguê vive com um companheiro (não-índio) e o filho Ionel numa casa de madeira próxima ao porto de Guajará-Mirim e D. Maria Atiminaké vive com a filha, genro e netos num dos bairros dessa cidade, para citar aqui os quatro ainda falantes da língua.

Por ocasião da entrevista, listamos 35 nomes de Kanoê, segundo o depoimento de Manoelzinho. Este número é superior àquele apontado pelo CIMI na edição de 1985 do mapa *Povos Indígenas do Brasil e Presença Missionária*, onde se lê 23 remanescentes Kanoê. Contudo, tanto este quanto o nosso número são relativos, mesmo porque é difícil determinar hoje quais são os legítimos Kanoê, uma vez que aconteceram vários casamentos intertribais. Assim, por exemplo, os filhos de um Kanoê com Makuráp devem ser considerados Kanoê ou Makuráp? Para resolver esse impasse, demos voz ao índio e listamos os 35 nomes, considerados Kanoê por Manoelzinho, sem entretanto ouvir a outra parte.

Hoje, em elevado grau de aculturação, assimiladas muitas das necessidades dos ‘civilizados’ (óleo de soja, café, açúcar, sal, calçados, roupas, ferramentas, tecidos, remédios etc.), com seus nomes originais substituídos por nomes cristãos (?), pouco se lembram de sua própria história. Sua língua nativa está restrita à memória dos mais idosos, uma vez que os mais novos falam o português e, às vezes, uma outra língua indígena. Parece que a maior parte dos jovens é monolíngüe em português, embora conheçam algumas expressões de outras línguas indígenas regionais. Na memória também ficaram recordações esparsas de suas tradições, seus mitos, suas canções. D. Maria Atiminaké, emocionada, contou que em seu casamento houve uma festa muito grande. Os Kanoê estavam pintados e enfeitados para o ritual. Cantaram a dançaram a noite toda.

3. FONOLOGIA PRELIMINAR DO KANOÊ

Uma análise de 672 dados lingüísticos transcritos foneticamente, correspondentes a 3 horas de gravação, revelou – à luz dos procedimentos analíticos formulados por Pike (1947), numa abordagem descritivo-estrutural, o seguinte sistema fonológico:

3.1. Fonemas vocálicos

| grau de elevação da língua | timbre | zona de articulação | | | | | |
|----------------------------|---------|---------------------|--------|------------|--------|------------|--------|
| | | anterior | | central | | posterior | |
| | | não-arred. | arred. | não-arred. | arred. | não-arred. | arred. |
| alto | fechado | i | | i | | | u |
| médio | aberto | e | | ə | | | o |
| baixo | aberto | æ | | a | | | |

As evidências de que os segmentos fonéticos supra configuram fonemas distintos foram dadas pela análise de contraste em ambientes idênticos e/ou análogos, a partir de “pares mínimos”, conforme exemplificado a seguir:

3.1.a. Oposição / i / - / e /:

- | | | |
|--------------------------------|---|------------------------|
| 001. [ti'pɸh] 'bicho preguiça' | χ | 002. [te'pɸh] 'terra' |
| 003. [tʃi'ɾɔ] 'lugar, local' | χ | 004. [tʃe'ɾɔ] 'chicha' |

3.1.b. Oposição / i / - / i /:

- | | | |
|---------------------|---|--------------------------|
| 005. [i'tsɔ] 'dedo' | χ | 006. [ɸ'tsɔ] 'pau, vara' |
| 007. [a'ki] 'pedra' | χ | 008. [æ'ki] 'banana' |

3.1.c. Oposição / i / - / u /:

- | | | |
|-------------------------------|---|-------------------------------|
| 009. [íne'ɾe] 'está chorando' | χ | 010. [úne'ɾe] 'está comendo' |
| 011. [in'kɔ] 'morcego' | χ | 012. [un'kɔ] 'aquele, aquela' |

3.1.d. Oposição / e / - / æ /:

- | | | |
|---------------------------------|---|-------------------------------|
| 013. [ɔ'ɾe] ~ [o'ɾe] 'tamanduá' | χ | 014. [u'ɾæ] 'porco, queixada' |
| 015. [ay'te] 'nós' | χ | 016. [i'tæ] 'bebe' |

3.1.e. Oposição / e / - / a /:

- | | | |
|---------------------|---|--------------------------|
| 017. [ɔ'wɛ] 'cutia' | χ | 018. [a'wɛ] 'arara' |
| 019. [ne'kãw] '(?)' | χ | 020. [na'kãw] 'perereca' |

3.1.f. Oposição / e / - / o /:

- | | | |
|-------------------------|---|-------------------------------|
| 021. [kɔ'ɾe] 'papagaio' | χ | 022. [kɔ' ɾɔ] 'sobrinho' |
| 023. [te'ktɪ] 'piolho' | χ | 024. [tɔ'ktɪ] 'mamão, papaya' |

3.1.g. Oposição / æ / - / a /:

- | | | |
|---------------------|---|------------------------|
| 025. [i'tsæ] 'anta' | χ | 026. [i'tsa] 'noite' |
| 027. [pi'ɾæ] 'rato' | χ | 028. [pu'ɾa] 'cigarra' |

3.1.h. Oposição / a / - / ə /:

- | | | |
|----------------------|---|-----------------------|
| 029. [yá] 'boca' | χ | 030. [yə] 'cabelo' |
| 031. [i'ɾãw] 'carne' | χ | 032. [i'ɾə] 'barriga' |

3.1.i. Oposição / a / - / o /

| | | |
|----------------------|---|---------------------|
| 026. [i'tsa] 'noite' | χ | 005. [i'tsɔ] 'dedo' |
| 007. [a'ki] 'pedra' | χ | 033. [ɔ'kɪ] 'cobra' |

3.1.j. Oposição / ə / - / i /

| | | |
|-----------------------|---|----------------------|
| 032. [i'řə] 'barriga' | χ | 034. [i'ři] 'macaco' |
| 030. [yə] 'cabelo' | χ | 035. [tʰ] 'espinho' |

3.1.k. Oposição / i / - / u /

| | | |
|----------------------|---|------------------------|
| 027. [pɪ'řæ] 'rato' | χ | 028. [pu'řa] 'cigarra' |
| 036. [i'řɪ] 'fígado' | χ | 037. [u'ru] 'novo' |

3.1.l. Oposição / o / - / u /

| | | |
|------------------------|---|------------------------|
| 038. [u'rɔ] 'come' | χ | 037. [u'ru] 'novo' |
| 013. [o'rɛ] 'tamanduá' | χ | 014. [u'ræ] 'queixada' |

3.2. Resíduo da avaliação fonológica dos vocóides

Como se pode observar nas páginas precedentes, sob o rótulo de fonemas vocálicos não postulamos vogais nasais em Kanoê, embora no plano fonético o fenômeno da nasalização se evidencie como uma das características da língua. Na análise do material fonético da língua, consideramos dois casos: a) a ocorrência de vocóides nasalizados por contigüidade a contóides nasais; b) a ocorrência de nasalidade vocálica independente de adjacência a contóides nasais. Assim, no primeiro caso, a nasalidade vocálica contígua a contóide nasal foi tratada como *variação ambiental* por ser assistemática e facultativa, embora ocorra com maior freqüência. Em outras palavras, vocóides adjacentes a contóides nasais podem ser pronunciados como orais ou como nasais sem que seja alterado qualquer traço semântico de um determinado item lexical. No segundo caso, em se tratando de vocóides nasais propriamente ditos, que ocorrem independentemente de adjacência a contóide nasal, observamos a ocorrência dos mesmos tanto antes quanto depois de um contóide oral. Para explicar a nasalidade, recorreremos à solução clássica: a nasalidade vocálica é decorrente de um contóide nasal que, após ter transmitido sua

nasalidade ao vocóide, deixou de ser articulado (como em português /tánton/---[tãtu]). Encontramos em Kanoê alguns exemplos que reforçam esta solução analítica, considerando que, no plano fonético, o contóide nasal pode ou não ser articulado quando em travamento de sílaba:

039. [ĩnkũ'kwa] ~ [ĩnkũn'kwa] 'coração'

040. [õmkwatsĩn'kwa] ~ [ũkwatsĩ'kwa] 'passarinho'

3.3. Alofonia vocálica

Como acontece em qualquer outra língua natural, os fonemas realizam-se concretamente no plano fonético através de seus alofones que, a rigor, são produto de condicionamentos fonéticos (e.g.: nasalidade vocálica adjacente a contóide nasal) ou não passam de variações livres. Assim sendo, a análise do *corpus* revelou o seguinte quadro de alofonia vocálica para os fonemas do Kanoê:

| | | | | | | | | |
|-------|---|--------------------|-------|---|---------------------------------------|-------|---|--|
| / i / | { | [ih] [i] [i] | / i / | { | [i] ~ [ɨ] [ih] ~ [ɬh] [ĩ] ~ [ɨ] | / u / | { | [ũ] ~ [ũ̃] [u] ~ [U] [U] ~ [ũ̃] |
| / e / | { | [e] [ɛ] [ɛ̃] | / ə / | { | [ə̃] [ə] [əh] | / o / | { | [õ] ~ [ɔ̃] [o] ~ [ou] [ɔ] ~ [ɔ̃] |
| / æ / | { | [æ] [æ] | / a / | { | [ã] [a] [e] | | | |

3.4. Fonemas Consonantais

| modo de articulação | papel das cordas vocais | ponto de articulação | | | |
|-------------------------|-------------------------|----------------------|----------|---------|-------|
| | | bilabial | alveolar | palatal | velar |
| oclusivo oral | surdo | p | t | | k |
| oclusivo nasal | sonoro | m | n | ɲ | |
| africado | sonoro | | ts | | |
| vibrante simples | surdo | | ʃ | | |
| aprox. fricativo | sonoro | w | | | |
| aproximante (semivogal) | sonoro | w | | y | |

A determinação dos fonemas consonantais supra foi obtida a partir de “pares mínimos”, pela análise do contraste em ambientes idênticos ou análogos, conforme exemplos a seguir:

3.4.a. Oposição / p / - / m /

- | | | |
|--------------------------------|---|---------------------------|
| 041. [pɔrɛ're] 'faz' | χ | 042. [moʁɛ ʁɛ] 'é bonita' |
| 043. [pɛyae'ʁɛ] 'dia', 'é dia' | χ | 044. [mɛyae'ʁɛ] 'plantou' |

3.4.b. Oposição / p / - / w /

- | | | |
|--------------------------|---|---------------------------------|
| 045. [pɔpɔ'tʃi] 'taioba' | χ | 046. [wɔw'tʃi] 'coruja pequena' |
| 047. [nũ'pi] 'pênis' | χ | 048. [ĩũ'wi] 'veado mateiro' |

3.4.c. Oposição / t / - / n /

- | | | |
|-------------------------|---|------------------------------|
| 049. [tũ'pũ] 'nambuaçu' | χ | 050. [nũ'kũ] 'caba', 'vespa' |
| 051. [te'kɔ] 'grilo' | χ | 052. [nã'kɔ] 'besouro' |

3.4.d. Oposição / t / - / ts /

| | | |
|------------------------------|---|------------------------|
| 053. [itɛnɛʔɛ]'está bebendo' | χ | 054. [itsɛnɛʔɛ] 'teme' |
| 055. [i'taw] 'língua' | χ | 026. [i'tsa] 'noite' |

3.4.e. Oposição / t / - / r /

| | | |
|------------------------|---|----------------------------|
| 056. [iku'ta] 'cabeça' | χ | 057. [iku'ra]'suor' |
| 058. [ya'ti] 'flor' | χ | 059. [ya'ɾi]'peito, tórax' |

3.4.f. Oposição / t / - / k /

| | | |
|-----------------------|---|------------------------------|
| 015. [ya'tɔ] 'nós' | χ | 060. [ya'kɔ] 'costas' |
| 055. [i'taw] 'língua' | χ | 061. [i'kaw] 'canela, tibia' |

3.4.g. Oposição / m / - / n /

| | | |
|--|---|--|
| 062. [pya mũ] 'tua mãe' | χ | 063. [pya nũ] 'teu umbigo' |
| 064. [mi'tʃi] 'interrog. 2. ^a p.s.' | χ | 065. [ni'tʃi] 'interrog. 3. ^a p.s.' |

3.4.h. Oposição / n / - / ɲ /

| | | |
|----------------------------|---|---------------------------|
| 063. [pya nũ] 'teu umbigo' | χ | 066. [pya ɲũm] 'tua roça' |
| 052. [nã'kɛ] 'besouro' | X | 067. [nã'kɛ] 'tucano' |

3.4.j. Oposição / n / - / y /

| | | |
|------------------------|---|-----------------------|
| 068. [ɲa] 'meu, minha' | X | 029. [ya] 'boca' |
| 067. [nã'kɛ] 'tucano' | X | 069. [ya'kɔ] 'costas' |

3.5. Alofonia consonantal

Além dos fonemas consonantais postulados a partir das oposições fonológicas dadas pelos “pares mínimos”, a análise revelou contrastes fonéticos sem implicações semânticas e, para cada caso, foram verificadas as possibilidades de variação foneticamente condicionada ou de variação

livre ou ainda de distribuição complementar. Assim, no plano fonético, os fonemas consonantais apresentam o seguinte quadro de alofonia:

| bilabiais | alveolares | palatais | velares |
|-----------|---|---|---|
| /p/ | $\left\{ \begin{array}{l} [b] \\ [p] \end{array} \right.$ | /t/ $\left\{ \begin{array}{l} [t] \\ [t̥] \end{array} \right.$ | /k/ $\left\{ \begin{array}{l} [x] \\ [k] \\ [k̥] \end{array} \right.$ |
| /m/ | $\left\{ \begin{array}{l} [m] \\ [m̥] \end{array} \right.$ | /n/ $\left\{ \begin{array}{l} [n] \\ [n̥] \end{array} \right.$ | /ɲ/ $\left\{ \begin{array}{l} [ɲ̃] \\ [ɲ] \end{array} \right.$ |
| | | /ts/ $\left\{ \begin{array}{l} [s] \sim [ʂ] \\ [s] \sim [ts] \\ [ts] \sim [tʂ] \end{array} \right.$ | |
| | | /ʃ/ $\left\{ \begin{array}{l} [d̥] \sim [d] \\ [d] \sim [ʃ] \\ [ʃ] \sim [ʃ̃] \end{array} \right.$ | |
| /w̥/ | $\left\{ \begin{array}{l} [b] \\ [w̥] \end{array} \right.$ | | |
| /w/ | $\left\{ \begin{array}{l} [w] \\ [w̥] \\ [w̥h] \end{array} \right.$ | | /y/ $\left\{ \begin{array}{l} [y] \\ [i] \\ [ih] \end{array} \right.$ |

3.6. Padrões silábicos

Na constituição das palavras do Kanoê, ocorrem as seguintes configurações silábicas no plano fonético: v, v̥, vɣ, ɣv, vɣ̃, ɣ̃v, ɣvɣ̃, vc, ṽc, cv, cṽ, cɣv, c̃ṽ, c̃ṽ, cvc, c̃vc. Por outro lado, de acordo com as

soluções analíticas propostas para a nasalidade vocálica e na interpretação dos vocóides parcialmente ensurdecidos e considerados como consoantes os vocóides assilábicos, no plano fonológico configuram-se os seguintes padrões silábicos: V, VC, VCC, CV, CVC, CVCC, CCVC, como se observa nos exemplos abaixo:

| | | |
|---------------------------|------------------|-----------------|
| 070. / é / | V | 'mulher' |
| 071. / ay / | VC | 'eu' |
| 072. / ya / | CV | 'boca' |
| 073. / ka.pe.awn / | CV.CV.VCC | 'vamos embora!' |
| 074. / kun / | CVC | 'água' |
| 075. / itaw / | V.CVC | 'língua' |
| 076. / i.rawn / | V. CVCC | 'carne' |
| 077. / e.pi.kwan / | V.CV.CCVC | 'amendoim' |
| 078. / i.ri.te.kwan.kun / | V.CV.CV.CCVC.CVC | 'macaco preto' |

Lass (1984) distingue a sílaba fonética como unidade de realização da fala e a sílaba fonológica como unidade estrutural. Em Kanoê, não coincidem necessariamente as configurações silábicas fonéticas e fonológicas, embora isto ocorra na maior parte dos casos. Fonologicamente, a distribuição seqüencial dos padrões silábicos não apresenta quaisquer restrições de ocorrência e, assim sendo, V, VC, VCC, CV, CVC, CVCC e CCVC podem apresentar-se: a) isolados; b) em posição inicial; c) em posição medial e d) em posição final; em todos os casos, precedendo ou seguindo uns aos outros na estruturação silábica das palavras. Podemos concluir que as configurações silábicas do Kanoê podem ser resumidas na seguinte fórmula geral (C₁) (C₂) V (C₃) (C₄) cujas posições são preenchíveis do seguinte modo:

a) em C₁ podem ocorrer quaisquer consoantes, exceto as aproximantes /w/ e /y/;

b) em C₂ apenas /w/ e /y/ ;

c) em V, qualquer vocal;

d) em C₃ apenas /w/ e /y/;

e) em C₄ somente /m/ e /n/.

3.7. Acento de intensidade

Em Kanoê, vocábulos monossilábicos são pronunciados com tom alto e, consequentemente, com maior intensidade silábica, no nível de sintagmas nominais. Em se tratando de vocábulos de duas ou mais sílabas, o acento de intensidade recai – na grande maioria dos casos – sobre a última sílaba, configurando palavras oxítonas. Embora não tenha sido possível determinar as condições de ocorrência do acento na penúltima sílaba (poucos casos), consideramos que a norma é a acentuação da última sílaba, razão pela qual não a marcamos nas transcrições fonológicas. Uma vez que não encontramos pares de palavras que se oponham semanticamente pela posição do acento, logo vamos interpretá-lo como não fonológico e considerar sua função como demarcativa, de acordo com Weiss (1980, p. 68): “Quando a posição do acento é fixa, ocorrendo sempre na mesma sílaba, dá certo ritmo à fala. Quando exerce a *função demarcativa*, o acento não muda o sentido das palavras: é apenas um traço da língua.” (grifo meu).

4. CONCLUSÃO

Enquanto exercício de análise lingüística, este trabalho é tão-somente um primeiro passo na compreensão dos múltiplos aspectos de uma língua: a tentativa de determinar o sistema fonológico subjacente às realizações fonéticas concretas do Kanoê. Assim, esta análise preliminar revelou um sistema composto de oito fonemas vocálicos e onze fonemas consonantais, passíveis de se realizarem foneticamente através de seus respectivos alofones, como acontece aos fonemas de quaisquer outras línguas. O resultado obtido não é definitivo: novas investidas analíticas se fazem necessárias não só no domínio da fonologia, mas também nos da morfologia e da sintaxe, que se alimentariam mutuamente, no sentido de buscar maior exatidão no conhecimento do Kanoê. Mas o exercício de análise lingüística é concomitante ao trabalho de documentação científica, não havendo uma fronteira nítida entre uma coisa e outra. Esta primeira investida revela uma língua tão ‘rica’ quanto qualquer outra, o que significa que era perfeitamente ajustada às necessidades interacionais e à visão de mundo do povo Kanoê, enquanto foi seu instrumento

primordial de comunicação. Evidentemente, muitos de seus aspectos já se perderam, sobretudo aqueles dos domínios sociolingüístico, psicolingüístico e pragmático, posto que hoje está restrita à memória de quatro ou cinco falantes nativos. Ainda assim, é possível resgatá-la do desaparecimento, promovendo a sua documentação magnetofônica e escrita e avançando na compreensão de seus aspectos estruturais. Salvá-la do desaparecimento é salvar um recorte no patrimônio lingüístico e cultural do ser humano, tão específico e cientificamente importante quanto o é qualquer outra língua natural.

ABSTRACT:

This paper presents a preliminary phonological analysis of Kanoê, an isolated Brazilian Indian language, which is nowadays spoken by four or five peoples south of Rondônia, Brazil. The fieldwork was carried out in June and July 1990. This analysis was developed according to the principles of descriptive linguistics.

5. BIBLIOGRAFIA

- BACELAR, Laércio N. *Fonologia preliminar da língua Kanoê*. Brasília, 1992. Dissertação (Mestrado em Lingüística) –Universidade de Brasília.
- KINDELL, Gloria E. *Guia de análise fonológica*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1981.
- LASS, Roger. *Phonology: an introduction to basic concepts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- PIKE, Kenneth L. *Phonetics: a critical analysis of phonetic theory and a technic for the practical description of sounds*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1943.
- _____. *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1947.
- RODRIGUES, Aryon D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986 (Missão Aberta, 11).